



# Desconstrução do signo e da linguística como ciência positiva

Élida Paulina Ferreira\* e Magno Luiz da Costa Oliveira

Programa de Pós-graduação em Letras, Linguagens e Representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, Campus Soane Nazaré de Andrade, Rodovia Jorge Amado, Km 16, Bairro Salobrinho, 45662-900. Ilhéus, Bahia, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: [epferreira@uesc.br](mailto:epferreira@uesc.br)

**RESUMO.** Neste artigo, discutiremos a crítica derridiana ao signo saussuriano, a fenomenologia husserliana e as determinações metafísicas da ciência, e da linguística em particular, apontando para uma dimensão desconstrutivista da língua/linguagem, a partir de três textos fundantes do pensamento derridiano, quais sejam: *A Voz e o Fenômeno*, *Gramatologia* e *A Estrutura e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*. Interessa-nos, como problema de reflexão, o questionamento dos limites dos conceitos e a possibilidade de ampliação das fronteiras do campo da linguagem pelas desconstruções propostas por Derrida.

**Palavras-chave:** linguagem, representação, Jacques Derrida, pós-estruturalismo.

## The deconstruction of the sign and of linguistics as a positive science

**ABSTRACT.** In this paper, we discuss the derridean critic on linguistic and phenomenological sign, as well as the metaphysical determinations of Science in general, and of linguistics in particular. We point out to a deconstructive dimension of language, considering three important texts by Derrida, such as: *The Voice and the Phenomenon*, *Grammatology*, and *The Structure and Play in the Discourse of Human Sciences*. It is at stake to reflect on the limits of the concepts, and the possibility of widening the frontiers of language field taking into consideration the deconstruction proposed by Derrida.

**Keywords:** language, representation, Jacques Derrida, post-structuralism.

### Introdução

As ideias de ciência e escritura – e por isso também a de ciência da escritura – tem sentido para nós apenas a partir de uma origem e no interior de um mundo a que já foram atribuídos um certo conceito de signo (diremos mais adiante: o conceito de signo) e um certo conceito das relações entre fala e escritura. Relação muito determinada apesar do seu privilégio, apesar de sua Necessidade e da abertura de campo que regeu durante alguns milênios, sobretudo no Ocidente, a ponto de hoje nele poder produzir sua descolocação e denunciar, por si mesma, seus limites (DERRIDA, 2008, p. 5).

Na base da ciência linguística, está o signo, cuja essência é representada pelo privilégio do significado, cabendo ao significante mera representação aparente daquele, que é alçado ao que Derrida (2008) chamará de significado transcendental. A crítica derridiana à metafísica ocidental, particularmente ao logocentrismo e às determinações da presença, contribui para repensarmos o fonocentrismo e o estruturalismo linguístico, os quais, na nossa perspectiva, limitam o campo da linguagem.

Da mesma forma, como apresentado na epígrafe acima, interessa-nos o questionamento dos limites dos conceitos e a possibilidade de ampliação das fronteiras do campo da linguagem pelas desconstruções propostas por Derrida. Não estamos, certamente, propondo um novo método ou uma nova ciência. Lembremos que Derrida (1998, p. 24) adverte que a desconstrução não é uma análise, não é uma crítica, não é um método, não é um ato ou operação. Ela, a desconstrução, “[...] tem lugar, é um acontecimento que não espera a deliberação, a consciência ou a organização do sujeito, nem mesmo da modernidade. ‘Isso se desconstrói’” (DERRIDA, 1998, p. 25, grifo do autor). Define-se numa ‘aporia’, nos conduz ao ‘indecidível’, ao não lugar, no qual a metafísica é abalada constantemente.

No âmbito dos estudos da linguagem, particularmente da linguística, a herança metafísica manifesta-se, na lógica dual, em que um termo do par dicotômico tem prevalência sobre o outro. Verifica-se, no contexto dessa herança metafísica, dentre outras determinações, o privilégio da língua sobre a fala, da fala sobre a escrita, do significado

sobre o significante. Dito de outro modo, todo o quadro conceitual se articula a partir de uma lógica binária e estrutural.

Neste artigo, discutiremos a crítica derridiana ao signo saussuriano e às determinações metafísicas da ciência, e da linguística em particular, a partir de três textos fundantes do pensamento derridiano, quais sejam: *A Voz e o Fenômeno*, *Gramatologia* e *A Estrutura e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas*. A desconstrução do signo saussuriano e a crítica derridiana possibilitam uma reflexão acerca do arcabouço estruturalista da linguística e de seu modelo de ciência. Em outras palavras, a referida desconstrução nos permite alargar horizontes e refletir acerca de uma dimensão pós-estruturalista no campo dos estudos da linguagem.

### Lingua(ge)m e desconstrução

A linguagem transborda a metafísica. A linguagem transborda a ciência. Ela, portanto, não se esgota na clausura de um arcabouço teórico, qualquer que seja ele.

Derrida, em *A voz e o fenômeno* (1994), denuncia esse transbordamento que abala o arcabouço teórico da metafísica tradicional centrado na voz, na razão, na escrita fonética e na presença a si do ser. O filósofo utiliza o conceito de signo para demonstrar como a impossibilidade de um significado transcendental desloca o centro de si mesmo, ao mesmo tempo em que aponta os limites da crítica fenomenológica à metafísica. O autor assim se posiciona (DERRIDA, 1994, p. 11):

Tratar-se-ia, pois, a partir do exemplo privilegiado do conceito de signo, de ver a crítica fenomenológica da metafísica anunciar-se como momento no interior da segurança metafísica; melhor ainda: de começar a verificar que o recurso da crítica fenomenológica é o próprio projeto metafísico em sua conclusão histórica e na pureza, apenas restaurada, de sua origem.

O que salta aos olhos, no posicionamento de Derrida, é que a crítica fenomenológica à metafísica permanece na metafísica. Não que o autor considere que se pode simplesmente escapar à metafísica, mas que gestos de superação podem carregar consigo a lógica que buscam suplantá-la. Este é o movimento próprio da linguagem e da construção de significados, reafirmando que sempre, no lugar de um signo, haverá outro signo. O que refuta a possibilidade de um significado presente a si, bem como de uma verdade universal, reafirmando a ideia que defendemos de que a linguagem transborda a metafísica que a quer enclausurar.

Logo na introdução da obra mencionada, Derrida discute o gesto problemático de Husserl, que, na sua crítica à metafísica, tem como objetivo não a sua superação, mas a desinfecção da metafísica autêntica, que está contaminada pelo vírus especulativo. Para extirpar este vírus, Husserl denuncia essa metafísica ‘degenerada’ em prol de uma metafísica pura advinda de um arcabouço teórico e metodológico da filosofia primeira. Segundo Derrida, a atividade husserliana de apontar os erros e as perversões da metafísica ‘degenerada’ tem como objetivo garantir uma ‘idealidade’, uma forma ideal. No entanto, essa idealidade carrega em si um problema: ela se autoproduz, se reproduz na própria ‘idealidade’. Isso quer dizer que sua *arché* e seu *telos* não têm ligação alguma com a realidade; pelo contrário, move-se em si e para si indefinidamente na sua ‘presença’. O que isso quer dizer? A ‘idealidade’ husserliana, embora tente promover uma crítica à metafísica da ‘presença’, reproduz a sua lógica, ou seja, sua crítica encontra-se comprometida com a própria metafísica; afinal, permanece ligada ao signo. Neste caso, o signo se autodefine como ‘significado transcendental’ fixo no *logos*, conforme demonstraremos mais adiante.

Segundo o filósofo argelino, embora Husserl construísse um arcabouço teórico sofisticado, a intersecção entre a linguagem da metafísica tradicional e a linguagem fenomenológica nunca se separaram. O fato de colocar a lógica como elemento norteador do *logos* não o afastou da tradição metafísica; pelo contrário, reafirma-o ao essencializar a linguagem “[...] a partir da logicidade como da normalidade do seu telos. Que esse telos seja o do ser como presença, é o que queríamos sugerir aqui” (DERRIDA, 1994, p. 14).

O conceito de signo husserliano se desconstrói, pois, quando Husserl busca diferenciar signos de expressão e signos de indicação, se contradiz, pois, na tentativa de construir um conhecimento seguro e sem pressupostos, se apoia no signo enquanto presença a si, desconsiderando que o signo sempre se apresentará enquanto repetição, quer dizer, o signo é sempre o ‘signo de’, está no interior de um encadeamento que sempre se repete. Husserl arquiteta a sua crítica à metafísica especulativa, tendo como norte o farol que irradia luzes da própria tradição metafísica, como apontado anteriormente.

Assim, podemos afirmar que Derrida (1994) desestabiliza a metafísica da presença, põe em xeque o que a fenomenologia construiu de mais elaborado: a supremacia da voz na consciência. Tal supremacia garantiria o apagamento do signo em benefício do significado, eterna repetição, significado transcendental, *logos* regendo a linguagem. Fato que

abala o arcabouço estruturalista, cujos limites vimos apontando neste trabalho.

Na mesma direção, na *Gramatologia*, Derrida também utiliza o problema do signo para apontar a ação da desconstrução e as artimanhas da tradição para conter a tensão entre o ‘dentro’ e o ‘fora’ na linguagem. Nessa direção, o filósofo faz uma crítica à formulação estruturalista de Ferdinand Saussure (1989), no que diz respeito às suas fundamentações científicas, principalmente quando o genebrino considera que “[...] língua e escrita são dois sistemas distintos de signo, a única razão de ser do segundo é representar o primeiro” (SAUSSURE 1989, p. 34). Vale dizer que, no *Curso de Linguística Geral*, Saussure separa língua e escrita como sistemas distintos de signo, põe a escrita numa posição de não verdade e de mera aparência, guardando para a língua o lugar de ser e da verdade enquanto tal.

Derrida (2008) aponta os desdobramentos epistemológicos que essa posição acarreta, ao mesmo tempo em que defende a hipótese de que o pensamento de Saussure segue a tradição que tem início em Platão e Aristóteles, passando por Rousseau, para reaparecer em nosso tempo, sem conseguir, no entanto, evitar as lacunas por onde se insinua a escritura. Para Aristóteles, a *phoné* está contiguamente próxima dos ‘estados da alma’, os quais revelam os entes por uma semelhança natural. Assim, o *logos*, como primeira convenção, guarda um caráter especial por sua proximidade daquilo que reflete naturalmente as coisas. Para Derrida (2008, p. 13, grifo do autor),

Se Aristóteles, por exemplo, considera que os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma e as palavras escritas os símbolos das palavras emitidas pela voz, é porque a voz, produtora dos primeiros símbolos, tem com a alma uma relação de proximidade essencial e imediata. Produtora do primeiro significante, ela não é um mero significante entre outros. Ela significa o ‘estado da alma’ que, por sua vez, reflete ou reflexiona as coisas por semelhança natural. Entre o ser e a alma, as coisas e as afecções, haveria uma relação de tradução ou de significação natural; entre a alma e o *logos*, uma relação de simbolização convencional. E a primeira convenção, a que se referiria imediatamente à ordem da significação natural e universal, produzir-se-ia como linguagem falada. A linguagem escrita fixaria convenções, que ligariam entre si outras convenções (DERRIDA 2008, p. 13).

Quando nos debruçamos sobre o problema da ‘arbitrariedade do signo’, entendendo signo como:

[...] unidade entre significante e significado, sempre separado e referido a ‘mesma coisa’. [...] não são ‘naturais’, mas instituídos, convencioneados desde

sempre, sem que se possa apontar o momento desta ‘convenção’ como origem (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 58, grifos do autor).

Percebemos que a fala se apresenta como verdade, pois a proximidade entre a fala e o significado extingue o significante fônico, o significado passa a ser a própria coisa, significado transcendental.

Em todos os casos, a voz é o que está mais próximo do significado, tanto quando este é determinado rigorosamente como sentido (pensado ou vivido) como quando o é, com menos precisão, como coisa. Com respeito ao que uniria indissolavelmente a voz à alma ou ao pensamento do sentido significado, e mesmo a coisa mesma [...], todos os significantes, e em primeiro lugar o significante escrito, seria derivado. Seria sempre técnico e representativo. Não teria nenhum sentido constituinte. Esta derivação é a própria origem da noção de ‘significante’. A noção de signo implica sempre, nela mesma, a distinção entre significado e significante, nem que fossem no limite, como diz Saussure, como as duas faces de uma única folha. Tal noção permanece, portanto, na descendência deste logocentrismo que é também um fonocentrismo: proximidade absoluta da voz, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido (DERRIDA, 2008, p. 14, grifo do autor).

Ser cópia implica ser aviltada, pervertida e perigosa, pois tem a capacidade de desviar o sentido, afastando-se da sua fonte, da sua origem: o discurso falado. Porém, avisa Derrida, é com o conceito de signo posto por Saussure que se percebe o esgotamento da manutenção reconciliadora da dicotomia fala/escrita. O que Derrida nos mostra é que as propriedades do signo o tornam fortemente subversivo. O seu caráter arbitrário traz em si argumentos para a desestabilização do sistema de oposição proposto por Saussure. O conceito de signo rompe o sistema, a clausura, e permite questionar a dicotomia fala/escrita. Quer dizer, Saussure não pode caracterizar a escrita como algo enganador e maléfico; afinal, assim como a fala, ela está baseada no signo. Se Saussure a desqualifica é porque tenciona manter o valor universal da metafísica, que só pode ser compreendida na estruturação das oposições.

As reflexões de Derrida trazem para o campo dos estudos da linguagem elementos para repensar as pressuposições conceituais e metodológicas da Linguística, rompendo com os limites, rejuvenescendo o arcabouço teórico e o objeto de estudo que a compõem. Como afirma o filósofo,

[...] uma ciência da linguagem deveria reencontrar relações naturais, isto é, simples e originais, entre a fala e a escritura, isto é, entre o dentro e o fora.

Deveria restaurar sua juventude absoluta e sua pureza de origem, aquém, de uma história e de uma queda que teriam pervertido as relações entre o fora e o dentro. Aí haveria, pois uma ‘natureza’ das relações entre signos linguísticos e signos gráficos, e o teórico do arbitrário do signo que dela nos lembra. (DERRIDA, 2008, p. 43, grifo do autor).

Encontramos, no pensamento saussuriano, um problema de ordem metodológica, pois, ao mesmo tempo em que demonstra a possibilidade de libertar-se da tradição mediante a ‘arbitrariedade do signo’, é obrigado a repetir e seguir o mesmo caminho da tradição, perpetuando a hierarquia entre fala e escrita. Para Derrida, pelo fato de depender do conceito de signo, Saussure não pode colocar em prática todas as possibilidades do seu pensamento. O linguista, então, confirma a tradição, dando continuidade ao desejo de ‘presença’, desejo de centralidade sem jogo. Saussure, com o objetivo de construir uma ciência que pudesse prever e explicar fenômenos, delimita a linguística e põe a língua como objeto de estudo; no entanto, coloca somente a fala como protagonista. ‘Dentro’ da língua somente a fala, porém, segundo Derrida, o suposto ‘fora’ está no ‘dentro’, pois fala e escrita se complementam, não são opostas. O ‘fora’ pressiona e rompe os limites do ‘dentro’, pois, na língua, fala e escrita são determinadas pelo mesmo conceito de signo.

A desestabilização do conceito de signo traz à tona a possibilidade de uma linguagem que não se restrinja a uma estrutura baseada em um significado transcendental, no qual o significante fônico se aproxima do significado, de tal maneira que se torna o próprio signo. É necessária uma ciência da linguagem que compreenda o significante gráfico como parte reatora da significação, ou seja, é necessária uma ciência que, em sua estrutura, permita o jogo de significações, o jogo na estrutura. A linguística saussuriana, como principal representante das ciências humanas, está longe de conseguir tal feito e é esse limite que vimos pondo em questão.

O pensador franco-argelino, diante deste cenário, faz o seguinte questionamento, que também nos interessa: “O que acontece agora com este esquema formal quando nos voltamos para aquilo que se denomina ‘ciências humanas?’” (DERRIDA, 2009, p. 412, grifo do autor). Essa pergunta é de fundamental importância porque nos direciona estrategicamente para o que Derrida entende como o papel da crítica à linguagem das ciências humanas.

No momento em que Derrida inicia essa discussão (eram os anos sessenta, devemos lembrar), a Etnologia é apontada como privilegiada por reunir, na sua gênese, características importantes, a saber:

Podemos com efeito considerar que a Etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que se operou um descentramento: no momento em que a cultura europeia – e por consequência a história da metafísica e dos seus conceitos – foi ‘deslocada’, expulsa do seu lugar, deixando então de ser considerada como a cultura de referência. Este momento não é apenas e principalmente um momento político, econômico, técnico etc. Pode dizer-se com toda a segurança que não há nada de fortuito no fato de a crítica do etnocentrismo, condição da etnologia, ser sistemática e historicamente contemporânea da destruição da história da metafísica. Ambas pertencem a uma única e mesma época (DERRIDA, 2009, p. 412, grifo do autor).

Derrida estabelece um diálogo com Lévi-Strauss, pela importância da sua reflexão e crítica ao etnocentrismo, ou seja, ao descentramento que a Etnologia provoca em um certo momento da história, que lhe permite, até mesmo, nascer como ciência. Mas essa crítica, para Derrida, guarda, ainda, estreita relação com as determinações metafísicas e estruturalistas do discurso das ciências humanas.

O importante aqui é o papel metodológico construído por Lévi-Strauss e como Derrida utiliza esse estratagema para apontar como a desconstrução se insinua:

Trata-se de colocar expressa e sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários para a desconstrução dessa mesma herança. Problema de ‘economia’ e de ‘estratégia’ (DERRIDA, 2009, p. 412, grifos do autor).

Para Derrida, o etnólogo acolhe, em seu discurso, as premissas do etnocentrismo que busca refutar. Esse duplo gesto é explorado a partir do apego, por exemplo, à oposição natureza/cultura. Derrida argumenta:

Lévi-Strauss sentiu ao mesmo tempo a necessidade de utilizar esta oposição e a impossibilidade de lhe dar crédito. Em *Les Structures*, ele parte do seguinte axioma ou definição: pertence à natureza tudo que é ‘universal’ e espontâneo, não dependendo de nenhuma cultura particular nem de nenhuma norma determinada. Pertence em contrapartida à cultura o que depende de um sistema de ‘normas’ regulando a sociedade e podendo portanto ‘variar’ de uma estrutura social para outra. Estas duas definições são de tipo tradicional. Ora, logo desde das primeiras páginas das *Structures*, Lévi-Strauss, que começou a dar crédito a estes conceitos, encontra o que denomina um ‘escândalo’, isto é, algo que já não tolera a oposição natureza/cultura assim aceite e parece requerer ‘ao mesmo tempo’ os predicados da natureza e da cultura. Esse escândalo é a ‘proibição do incesto’. A proibição do incesto é universal; neste

sentido poder-se-ia dizer que é natural – mas também uma proibição, um sistema de interditos – e neste sentido dever-se-ia denominá-la cultural (DERRIDA, 2009, p. 413, grifos do autor).

Ora, vemos aqui uma interessante ‘contradição’; afinal, a proibição do incesto pode se caracterizar como pertencente ao conceito de natureza tanto quanto ao de cultura. Essa situação traz à tona a complexa relação entre a linguagem e o discurso da ciência e a metafísica dos conceitos. Derrida resume a ambivalência, argumentando que

[...] a partir do momento em que a proibição já não se deixa pensar na oposição natureza/cultura, já não se pode dizer dela que seja um fato escandaloso, um núcleo de opacidade no interior de uma rede de significações transparentes; não é um escândalo que encontramos, no qual caímos no campo dos conceitos tradicionais; é o que escapa a estes conceitos e certamente os precede e provavelmente como sua condição de possibilidade (DERRIDA, 2009, p. 414).

A crítica derridiana aponta que o discurso das ciências humanas evidencia nas suas ambiguidades, de um lado, o compromisso com o que chama de conceitos tradicionais, mas, ao mesmo tempo, a abertura para repensarmos os seus limites. Daí a importância da desconstrução do signo saussuriano e da etnologia de Lévi-Strauss.

Mas retomemos a questão saussuriana e do discurso da linguística. Saussure delimita seu método ao utilizar a dicotomia fala/escritura para construir o arcabouço teórico da linguística, privilegiando a fala e rebaixando a escrita. Quando se questiona sobre o signo, o linguista leva em consideração apenas a palavra falada, no qual o pensamento e o som se vinculam perfeitamente, serenamente; a ‘escritura’ que perturbaria esta ligação é excluída. Com a intenção de delimitar o objeto da linguística, de definir sua área para efetivá-la como ciência, Saussure – acompanhando a tradição ocidental que o sustenta – só leva em conta a escritura fonética, aquela sobre a qual a linguística pode mesmo se efetivar. Segundo Derrida, a tradição metafísica anulou a estruturalidade da estrutura, em favor de uma ordem, de um modo de pensamento que necessitava limitar uma área e tê-la como centro do conhecimento.

Esse modelo de ‘episteme’ baseado no centro

[...] tinha como função não apenas orientar e equilibrar, organizar a estrutura [...] mas sobretudo levar o princípio de organização da estrutura a limitar o que podemos denominar jogo da estrutura (DERRIDA, 2009, p. 408).

O centro em sua centralidade libera o jogo na sua estrutura; no entanto, essa liberação é ‘interditada’ porque se acreditava que o centro estava à parte da sua estruturalidade, quer dizer, o centro estava e não estava na estrutura.

Se pensarmos na língua, enquanto objeto de uma ciência (Linguística), veremos que ela tem como centro a fala. No entanto, esse centro não dá conta das disseminações que a arbitrariedade do signo permite. Na totalidade desta ciência, o centro organizador só pode existir ‘dentro’ e ‘fora’. O que significa essa contradição apontada por Derrida? A estrutura deseja o jogo; contudo, a estrutura centrada aceita somente o jogo a partir da ausência de movimento do centro. Quer dizer, o centro pertence à estrutura, pois a comanda; mas não pertence à sua estruturalidade, pois está fora do seu jogo. Por isso,

A centralidade, a noção mesma de um centro, a centralidade do centro é o que ao mesmo tempo, abre e fecha a possibilidade do jogo, então, para que o jogo continue sempre aberto, é necessário que se pense radicalmente a estrutura do centro que o centro ocupa na estrutura (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 128).

A estrutura anula o movimento do centro; isso implica a catalogação dos encadeamentos, o que nos permite construir uma história do sentido, na qual o começo e o fim surgem na forma de presença. Embora a tradição simule a centralidade do ser como presença e arquitete uma estrutura sem estruturalidade, vê-se, na própria estrutura, o sêmen da ruptura do modo de pensar metafísico. Esse momento de disrupção repete, simultaneamente, a ação da estruturalidade da estrutura. Nesse cenário, a estrutura se constituía enquanto desejo de centrar-se, porém não numa centralidade fixa e estruturante, mas, sim, numa centralidade de deslocamentos e substituições. Assim, a presença nunca era presença – apenas estava. Derrida aponta o problema do centramento como um não lugar:

Desde então, deve sem dúvida ter começado a pensar que não havia centro, que o centro não podia ser pensado na forma de um sendo-presente, que o centro não tinha lugar natural, que não tinha lugar fixo, mas uma função, uma espécie de não-lugar no qual se faziam indefinidamente substituições de signos. Foi o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou origem, tudo se torna discurso [...], isto é, sistema no qual o significado central, originário ou transcendental nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação (DERRIDA, 2009, p. 409).

Sendo língua e escrita duas estruturas diferentes, a segunda serve, apenas, para representar a primeira. Como se fosse a própria coisa, a escritura fonética pode ser situada, a salvo, fora do campo que pretende estabelecer. Com esta postura, Saussure, segundo Derrida, pretende preservar a plenitude do 'sistema interno da língua'. O ponto nevralgico é que esse sistema não pode ter centro, centro sem centralidade, como pretende Saussure. Sem centro organizador, a linguagem não tem uma origem, não tem um significado transcendental; isso significa que o sistema permitirá o trânsito livre das disseminações. Nesse sentido, a 'escritura' se torna presente como linguagem.

[...] é justamente quando não lida expressamente com a escritura, justamente quando acreditou fechar o parêntese relativo a este problema, que Saussure libera o campo de uma Gramatologia Geral. Que não somente não mais seria excluída da Linguística Geral, como também dominá-la-ia e nela a compreenderia. Então percebe-se que o que havia sido desterrado, o errante proscrito da Linguística, nunca deixou de perseguir a linguagem como sua primeira e mais íntima possibilidade. Então, algo se escreve no discurso saussuriano, que nunca foi dito e que não é senão a própria escritura como origem da linguagem (DERRIDA, 2008, p. 53).

O fato de ser desvio da 'presença' sempre é sinônimo do mal, da desordem. Mas para o pensamento desconstrucionista de Derrida, é importante lembrar que o que vem de 'fora' só é perigoso porque já está 'dentro', não há uma fronteira tão rigorosa que garanta sua oposição, e este é o verdadeiro perigo impossível de excluir. Há contaminação do 'fora' no 'dentro':

O fora mantém com o dentro uma relação que, como sempre, não é nada menos do que simples exterioridade. O sentido do fora sempre foi no dentro, prisioneiro fora do fora, e reciprocamente (DERRIDA, 2008, p. 43).

De modo que nenhuma postura reativa, de exclusão, pode aí ter sucesso. Esse encontro, do 'dentro' no 'fora', compromete toda ordem, misturando o que é original e o que é cópia e, consequentemente, toda orientação do pensamento, privando-o da segurança das oposições.

Para Derrida, o que ameaça a linguagem é a maneira como nos entregamos ao jogo das oposições. Para a tradição ocidental, com seu desejo de ordem, de clareza e verdade, não se pode conviver sem áreas bem demarcadas, pois deste modo, percebida como vinda de 'fora', o ataque parece menos violento, sendo possível o enfrentamento. O signo, sendo arbitrário, deveria proibir a distinção

entre signo linguístico e signo gráfico. Se todos os signos são considerados arbitrários, como pensar uma relação de subordinação entre eles? Como pensar um 'liame natural' entre voz e significado?

Acompanhemos o argumento de Derrida e as consequências da desconstrução do signo para a língua:

A escritura não é signo do signo, a não ser que o afirmemos, o que seria mais profundamente verdadeiro, de todo signo. Se todo signo remete a um signo, e se 'signo de signo' significa escritura, tornar-se-ão inevitáveis algumas conclusões, que consideraremos no momento oportuno. O que Saussure via sem vê-lo sabia sem poder levá-lo em conta, seguindo nisto toda a tradição metafísica, é que certo modelo de escritura impôs-se necessário, mas provisoriamente, (quase à infidelidade de princípio, à insuficiência de fato e à usurpação permanente) como instrumento e técnica de representação de um sistema de língua. E que este movimento, único em seu estilo, foi mesmo tão profundo que permitiu pensar, 'na língua', conceitos tais como os de signo, técnica, representação, língua (DERRIDA, 2008, p. 53, grifos do autor).

Derrida aponta que Saussure precisou limitar na língua o conceito de língua para que a estrutura da linguística construísse a sua base conceitual a partir de um significado transcendental: o signo linguístico. Entendemos que é nesse contexto de situar-se além das oposições e da clausura dos conceitos que o arquiconceito de *différance* age. Afinal, se todo conceito é uma estrutura, cujo centro muda de lugar, ela é em si mesma problemática, e cheia de lacunas, 'brisuras' que os conceitos e a ciência tentam esconder. Nessa linha de argumentação, Haddock-Lobo aponta a fratura (brisura) como elemento que problematiza os dualismos:

Mais que isso, a brisura assumida como elemento constituinte do pensamento é uma chance de se escapar, ou ao menos enfraquecer o dualismo metafísico. Vemos isso, por exemplo, quando, em Gramatologia, o termo brisura é introduzido como subtítulo do segundo capítulo, seguindo-se aos anteriores 'o fora e o dentro' e 'o fora é o dentro'. Uma brisura é fora e dentro, e nunca fora ou dentro, é presença e ausência, vida e morte etc. E não é por acaso que nesta seção Derrida apresenta de forma elucidativa um de seus principais quase-conceitos: o rastro. 'A presença-ausência do rastro' é apresentada, justamente, através de uma brisura (HADDOCK-LOBO, 2008, p. 128, grifos do autor).

O que se aponta como 'a presença-ausência do rastro' remete-nos à *différance*, para além da divisão fundadora da filosofia entre o sensível e o inteligível. Derrida, ao propor a desconstrução do signo e das

determinações da ciência em geral e da linguística em particular, aponta para outro caminho, no qual as oposições se complementam e se afastam. Assim, surge o 'entre', o 'indecidível', constituindo o próprio jogo da 'escritura', numa lógica que acolhe e excede a oposição 'dentro/fora'. Por encontrar-se no meio e em todos os lugares, a *différance* não é hierárquica nem binária, ela é todas as possibilidades de sentido. Isso posto, vê-se a metafísica ocidental como aquela que coloca a *différance* atrás das grades da lógica opositiva, resultando em um movimento de negação, de fuga da própria *différance*.

A subjugação da *différance* às dicotomias ocidentais nada mais é que uma tentativa de domesticação da 'escritura', uma agressão à própria linguagem. A 'escritura' e a *différance* tem o papel de trazer à tona todo o movimento da 'diferencialidade' primeira como o processo de diferenciação que resulta na transgressão dos valores alicerçados na metafísica ocidental, quer dizer:

O pensamento da *différance* já não diz respeito ao sistema da presença, mas sim do diferenciamento. Toda presença mostrar-se-á, sempre, como efeito do diferenciamento ou, mais precisamente, da *différance* (DUQUE-ESTRADA, 2002, p. 20).

O conceito de signo não dará conta do movimento da 'diferencialidade', a problematização da dualidade significante-significado exigirá a noção de 'suplemento'.

O que temos que compreender é que o conceito saussuriano que indica um elo entre significado e significante como um fato para afirmar a unidade do signo perde para Derrida a sua autenticidade enquanto dado adquirido. Segundo Saussure, na língua, só existem diferenças, o signo é desprovido de uma regra *a priori* na qual haja uma ligação natural entre significado e significante. Só existe enquanto signo porque se diferencia de outros signos contíguos no interior de um paradigma. O filósofo franco-argelino evidencia que o sistema da diferença guarda em si mesmo uma magna crítica ao logocentrismo ou metafísica da presença. O signo arromba a possibilidade de um centro estruturante. Aí está a questão. A totalização não é problema, o problema é como estabelecer uma linguagem que dê conta das disseminações infinitas que acontecem nessa totalidade. Por isso, Saussure colocou a escrita em segundo plano; colocá-la *fora* significava apontar um 'dentro', um centro que organizasse a estrutura e que criasse a ilusão de que a língua só é representada pela fala.

Derrida entende que o signo se caracteriza pelo movimento da suplementaridade. A dicotomia

'fora/dentro', *a fortiori* escrita/fala, exige um terceiro elemento para que possa produzir um sentido daquilo que verdadeiramente o suplemento difere. No entanto, o suplemento não é realmente um terceiro elemento, já que participa/transgredir ambos os lados da dicotomia. Esta lógica da suplementaridade, a que também se chama *différance*, é o traço particular que Derrida isola na escrita. Podemos retificar, então, que Derrida não é advogado da escrita, nem de qualquer elemento que, na história da metafísica, tenha sido rebaixado em detrimento de outro. O problema central é como a metafísica arquiteta seu modo de pensar e quais os problemas que este modo acarreta, principalmente no que diz respeito à linguagem. A desconstrução acontece, está no homem e além dele. Vê-se um script de uma tragédia grega, na qual sabemos o que irá acontecer; os protagonistas querem que não aconteça, mas fazem exatamente o que é necessário para que aconteça. A desconstrução é Necessária.

### Considerações finais

Significante do significante não mais representa derivação, mas, sim, o próprio movimento da linguagem. Como não existe significado transcendental, não existe uma origem dada e universal. Vê-se o significado sempre como significante do significante; isso quer dizer que, na totalização da centralidade, o jogo das disseminações não cessa. A inflação do signo permitiu que a escritura não só compreendesse a linguagem, mas também permitiu reconstruí-la. Nesse sentido, a crítica derridiana põe em questão as fronteiras estabelecidas pela linguística, ao mesmo tempo em que nos permite repensar a própria noção de fronteira, alargando os estudos de linguagem. Não se trata de encontrar nem construir uma ciência da escrita, nem mesmo superar o signo saussuriano, mas de apontar os seus limites e incorporar outros discursos sobre a língua e a linguagem para além da herança que a ciência linguística nos lega.

Derrida, ao anunciar os sintomas da desconstrução, sabia da impossibilidade da construção de uma nova ciência, pois esta também seria desconstruída. O problema é que somos levados a tentar domesticar o pensamento derridiano e engessá-lo num discurso acadêmico. Nada mais justo. A metafísica construiu a sua época, a sua linguagem. Como superá-la? Esta é uma pergunta do nosso tempo. A resposta não. Só nos resta utilizar as 'aporias' para propor outros caminhos, diferentes caminhos que só ensinam a quem se propõe a caminhar.

O filósofo não propõe uma nova ciência linguística, já que rompe até mesmo com o conceito metafísico de ciência. A sua gramatologia não seria uma ciência da escritura, mas possibilita-nos refletir o que seria o estudo da linguagem sem as amarras da metafísica logocêntrica. A gramatologia aponta para uma nova abordagem, mas não propõe uma nova ciência. As consequências que podemos tirar da desconstrução do modelo linguístico clássico são inúmeras e afetam diretamente os conceitos de língua, identidade, tradução, significado, idioma. Como inovação desta reflexão, sugerimos a admissão de uma dimensão desconstrutivista da linguagem no cenário dos estudos da linguagem atualmente, ampliando as discussões contemporâneas em torno do que podemos chamar de pós-estruturalismo.

### Referências

- DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno**. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. Tradução Érica Lima. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1998. p.19-25.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Tradução Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DERRIDA, J. A Estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, J. **A Escritura e a Diferença**. Tradução Maria Beatriz Nizza da Silva. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Perspectiva. 2009. p. 407-426.
- DUQUE-ESTRADA, P. Derrida e a escritura. In: DUQUE-ESTRADA, P. (Org.). **Às Margens: a propósito de Derrida**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002. p. 9-28.
- HADDOCK-LOBO, R. **Derrida e o labirinto das inscrições**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1989.

*Received on September 30, 2014.*

*Accepted on July 29, 2015.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.